

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

André Soriano Castelo

**RETEXTUALIZAÇÃO: NOVA PERSPECTIVA SOBRE AS
CONVERSAS DE BATE-PAPO**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

André Soriano Castelo

**RETEXTUALIZAÇÃO: NOVA PERSPECTIVA SOBRE AS
CONVERSAS DE BATE-PAPO**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob Orientação do Prof. Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira.

SÃO PAULO

2014

CASTELO, André Soriano

Retextualização: nova perspectiva sobre as conversas de bate-papo. André Soriano Castelo, 2014.

74 fls.

Dissertação de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP.

Orientador: Prof. Dr. João Hilton Sayeg Siqueira.

Linguagem. Comunicação. Tecnologia. Bate-papo. Retextualização

Banca Examinadora

Primeiramente a Deus que iluminou o meu caminho durante esta jornada.

A SEE-SP pela concessão de bolsa para participar do Programa Mestrado.

Aos meus pais, Nirce Soriano Castelo e Inácio Alves Castelo Filho, e ao meu irmão, Alexsander Soriano Castelo.

Ao dedicado orientador Prof. Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira que o tempo todo acreditou em mim e me apoiou na conclusão desta nova etapa da minha vida.

Ao meu querido Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento pelo constante apoio em minha jornada acadêmica.

Ao meu estimado Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira pelo carinho e aprendizado.

Aos professores do programa de estudos pós-graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP, pela rica contribuição durante o curso.

Aos meus diretores, professora Mariza da Costa Moura e o professor Alexandre Tavares dos Santos pelo apoio diário para a conclusão do meu curso.

À professora Rita de Cássia Alves, pelo carinho, apoio e pela confiança.

Aos meus alunos que me inspiram diariamente.

E a todos os que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação.

RESUMO

Com o advento da *Internet*, muitas possibilidades de interação em ambientes virtuais surgiram e com isso, a linguagem, que é a base da comunicação, se adaptou para atender às necessidades da sociedade que a utiliza.

E para analisar a linguagem da *Internet*, foram coletados registros de interação virtual em programa de bate-papo e feita análise deles, objetivando-se caracterizar a linguagem da *Internet* bem como pontuar as marcas da oralidade nos registros.

Em seguida, baseando-se em Marcuschi (2007), foi proposta a retextualização desses registros, tendo como base os operadores de retextualização apresentados por esse autor.

Este estudo tem por objetivo apresentar a teoria e uma sugestão de trabalho com esses registros de bate-papos em sala de aula, desmitificando, portanto, a ideia de que a *Internet* é prejudicial ao jovem nos processos de escrita e leitura.

Palavras-chaves: Linguagem. Comunicação. Tecnologia. Bate-papo. Retextualização

ABSTRACT

With the advent of the Internet, plenty of interaction in virtual environments emerged and with it, the language, which is the basis for communication, adapted to meet the needs of the society that uses it.

And to analyze the language of the Internet, virtual interaction records were collected in the chat program and made their analysis, aiming to characterize the language of the Internet as well as showing the marks of orality in the records.

Based on Marcuschi (2007), was proposed retextualization these records, based operators retextualization presented by this author.

This study aims to present the theory and a suggestion of working with these records chats in the classroom, thus demystifying the idea that the Internet is harmful to the youth in the processes of writing and reading.

Key words: *Language. Communication. Technology. Chat. Retextualization*

SUMÁRIO

Introdução:	09
 Capítulo 1 NOVA TECNOLOGIA	
1.1 <i>Internet</i>	11
1.2 Formas virtuais de interação	13
1.2.1 O <i>chat</i>	16
 Capítulo 2 NOVA LINGUAGEM	
2.1 Linguagem	19
2.2 A linguagem da <i>Internet</i> e seu impacto	20
2.3 O <i>chat</i> e sua linguagem virtual	24
2.4 A língua e o ensino: aspectos fonético/fonológico, morfológico e sintático.....	27
 Capítulo 3 NOVA INTERAÇÃO	
3.1 Modalidade oral e modalidade escrita	30
3.2 Grau de formalidade e grau de informalidade	36
3.3 Multilinguismo	36
 Capítulo 4 NOVO PROCEDIMENTO	
4.1 Retextualização	38
4.2 Operações de retextualização	42
4.2.1 Operações de transformação	43
4.2.2 Operações de turnos dialógicos	44

Capítulo 5 NOVO TEXTO

5.1 Análise das peculiaridades linguageiras nos *chats* 45

5.2 Procedimentos de retextualização54

5.3 Contribuição para a aprendizagem69

Considerações Finais71

Referências Bibliográficas.....73

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias, principalmente a *Internet*, presentes no cotidiano das pessoas, têm provocado mudanças significativas na vida delas, principalmente na forma como elas se comunicam, isto é, elas possuem grande relevância nas relações interpessoais.

Neste trabalho, abordamos a comunicação síncrona realizada em *chats*, configurada sob a forma de diálogo entre dois interlocutores, cujo registro é gráfico, porém a modalidade é oral, o que possibilita uma série de interferências atípicas à modalidade escrita que, aqui, nos interessam a fim de investigarmos como a linguagem da *Internet* (internetês) é construída e quanto ela se afasta de uma sistematização sistêmico-normativa da língua.

Considerando que os textos produzidos nos programas de bate-papo da *Internet* possuem características linguísticas comuns à linguagem oral e à linguagem escrita, não será considerada a função enunciativa, pois a análise será das características da locução, isto é, como as expressões linguísticas se manifestam e quais peculiaridades trazem por estarem em um ambiente de recurso gráfico para interações com espontaneidade da modalidade oral.

Fundamentaremos nosso trabalho em Marcuschi (2007) que apresenta o seu modelo de operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito, ou seja, por meio dos processos de retextualização dos registros apresentados em conversas de *chats*, que embora sejam escritos, apresentam marcas da oralidade, objetivamos levantar e analisar as peculiaridades linguageiras em busca de suas correspondências linguísticas.

Para investigar os registros das conversas de bate-papos, foram coletadas conversas virtuais, em situações comunicacionais distintas e entre usuários

diferentes para que pudessem ser realizadas comparações posteriores sobre a escrita realizada nos suportes digitais de bate-papo, considerando os interlocutores e contexto discursivo, identificando suas características.

Este estudo está organizado em cinco capítulos, sendo:

- No primeiro capítulo, é apresentada a Nova Tecnologia – a *Internet* – contextualizando-a, bem como as formas virtuais de interação, principalmente o *chat*, que é o objeto de estudo.
- No segundo capítulo, abordamos a Nova Linguagem – a linguagem da *Internet* e seu impacto nas atividades de comunicação e nas relações interpessoais. Ainda caracterizamos neste capítulo o *Chat* e a sua linguagem.
- No terceiro capítulo tratamos da Nova Interação, em que estudamos a modalidade oral e a modalidade escrita, grau de formalidade e de informalidade nos registros de bate-papo, bem como a questão do multilinguismo.
- No quarto capítulo, conceituamos retextualização e apresentamos os seus operadoras, os quais nos servirão de base para análise dos registros de bate-papo e norteadores para o procedimento de retextualização.
- No quinto capítulo, após o estudo dos operadores de retextualização vistos no capítulo anterior, aplicam-se os procedimentos próprios para esse processo de retextualização nos registros coletados para análise, observando suas peculiaridades linguageiras. Além disso, apresentamos a contribuição que esse tipo de estudo pode trazer para o processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, apresentamos as considerações finais, sem a pretensão de encerrar a discussão sobre o tema, mas apresentando os registros de bate-papos como formas de variedades linguísticas em que é possível fazer a sua retextualização.

CAPÍTULO 1 - NOVA TECNOLOGIA

1.1 INTERNET

Com o surgimento da *Internet*, novas formas de se comunicar surgiram, criando assim novas ferramentas de comunicação entre as pessoas. Como exemplos dessas ferramentas, podemos citar algumas, tais como: o correio eletrônico, os *blogs*, redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, *LinkedIn*), páginas da *web* e muitos outros, e com esses, conseqüentemente, novos gêneros textuais também surgiram, adequando-se às ferramentas utilizadas pelos usuários dessa nova tecnologia.

Neste primeiro capítulo, apresentaremos as ferramentas eletrônicas digitais de interação, como o correio eletrônico (*e-mail*), fórum, *blog*, redes sociais e, especificamente, o suporte para bate-papo (*chat*) *Windows Live Messenger*, hoje, integrado ao programa de troca de mensagens intitulado *Skype*, além de dar um panorama como a *Internet* tem sido capaz de modificar, revolucionar a maneira como as pessoas se comunicam. Em tempo, também mencionamos que um novo aplicativo de comunicação apareceu e que é muito utilizado - o *Whatsapp*, que se assemelha a um programa de mensagem instantânea com a possibilidade de criar grupos de contatos para o envio e recebimento de mensagens e arquivos.

Segundo Crystal (2006), a *Internet* é uma associação de computadores que possibilita a troca de mensagens a partir de um computador para outro e que os seus usuários podem fazer combinações diversas de escrita, cores, sons e imagens e *links*, a fim de atender às suas necessidades de comunicação, ou seja, é a funcionalidade que determinará a forma da comunicação. Isso só foi possível porque, em 2004, a versão 1.0 da *web* que permitia apenas troca de mensagens

entre duas pessoas por meio de correios eletrônicos foi substituída pela 2.0. Esta é mais dinâmica, apresenta maior interatividade e permite que vários usuários publiquem textos, imagens, arquivos audiovisuais, dentre muitas outras possibilidades. As versões atuais buscam aprimorar a interatividade e reformular as formas de pesquisa na *Internet*, visando a facilitar a vida dos usuários dessa nova tecnologia.

Para melhor compreendermos as mudanças ocorridas com o advento da *Internet*, é necessário contextualizar seu aparecimento.

Ela surge a partir de 1960 com a utilização de correios eletrônicos e bate-papos, principalmente na área militar, depois avança para os campos acadêmico e empresarial. Sua popularização começa a ocorrer a partir da década de 90, com o barateamento de computadores pessoais e a facilidade para compra deles. No Brasil, teve início em 1996.

As pessoas diante de novas ferramentas, rapidamente, começam a se adequar ao meio e a produzir seus textos no ambiente virtual, tomando contato com uma nova forma de escrita, mais abreviada, mais fonética e constituída também de ícones. Inicia assim uma revolução, também, na linguagem produzida nesses ambientes virtuais.

De acordo com Crystal (2006:14), a *Internet* tem sido o mais revolucionário veículo de comunicação, provocando mudanças linguísticas significativas, ou seja, as pessoas descobrem uma nova forma de utilizar a linguagem para concretizar a comunicação.

É importante também destacar que essa revolução tecnológica não se limitou apenas ao uso da linguagem, mas também ao aspecto comportamental das pessoas, visto ter se estendido às outras áreas da sociedade, ou seja, a sociedade contemporânea se vê envolvida pelos mais diferentes recursos tecnológicos, como

celulares que funcionam como computadores portáteis, de bolso, acessando aos mais diversos serviços oferecidos pela *Internet*: troca de mensagens via correio eletrônico, aplicativos de bate-papo entre outros.

Essa influência tecnológica se estende também a outras esferas da vida humana, por exemplo, o homem ao utilizar os caixas-eletrônicos de bancos para efetuar transações financeiras, terminais de autoatendimento para realizar a compra de ingressos para assistir a um filme ou a uma peça de teatro, ou ao escrever um diário virtual (*blog*), ou publicar informações diversas nas redes sociais, ou ainda quando decide ter uma conversa com o outro usuário, utilizando as ferramentas de bate-papo.

Esse bate-papo, que antes era presencial (face a face) ou via voz, por meio do telefone, agora acontece por meio de uma tela do computador e teclado para digitação dos textos, ou seja, essa conversa em ambientes virtuais de bate-papo assemelha-se a uma interação face a face, porém mediada por computador.

Observando toda essa mudança, constatamos que a tecnologia digital está presente no cotidiano das pessoas, transformando seus hábitos, revolucionando suas vidas e criando novos ambientes e suportes de interação comunicativa.

1.2 FORMAS VIRTUAIS DE INTERAÇÃO

Para melhor compreendermos os ambientes virtuais em termos de publicação e comunicação, podemos caracterizá-los de duas maneiras: síncronos e assíncronos.

As ferramentas de comunicação que ocorrem de forma síncrona permitem uma comunicação em tempo real, instantânea, isto é, a interação entre os usuários se dá ao mesmo tempo, dando retorno imediato das informações recebidas, é um

vaivém constante de informações.

As ferramentas de comunicação virtual que trabalham essa sincronicidade são as salas de bate-papo, que possibilitam uma interação que envolva mais de dois usuários e outras ferramentas, que também oferecem a possibilidade de uma conversa particular, envolvendo apenas dois usuários, como o *Skype*.

Já as ferramentas de comunicação assíncronas possibilitam uma comunicação, porém não em tempo real, não imediata, em que um usuário primeiro envia uma mensagem para depois receber sua resposta, como exemplo, podemos citar os fóruns, *blogs*, correios eletrônicos.

Visando a uma melhor compreensão do sincronismo e assincronismos característicos nos processos comunicativos, apresentamos algumas ferramentas mais populares:

- *weblogs*: são diários pessoais virtuais, flexíveis, que permitem o compartilhamento de informações com eficiência e dinamismo e com um toque pessoal, permitindo ter um autor ou vários autores. Na maioria dos casos, sua linguagem é informal, as publicações possuem estruturas leves, datadas e que permitem agregar a elas fotos, músicas e outros materiais, além de recursos como enquete, por exemplo. Esse ambiente ainda permite que seus leitores postem comentários a respeito do que foi publicado, promovendo uma interatividade maior entre quem publica e quem lê. Outra variante desse diário *on-line* são os *fotoblogs* que permitem a publicação apenas de fotos com pequenas legendas. A diferença de um *blog* com um site é a facilidade com que é feita sua atualização. Esta é uma ferramenta assíncrona.
- fóruns de discussão: são páginas na internet que promovem debates acerca de um mesmo tema. Em um fórum, as mensagens ficam ordenadas pela data

da última postagem e há regras nesse ambiente virtual. Podem ser também associados outros recursos aos textos publicados. É uma ferramenta de comunicação assíncrona. Muito praticada na comunidade acadêmica, e comum também fora dela.

- *e-mail* ou correio eletrônico: é uma forma de comunicação escrita, geralmente assíncrona, parecida com uma carta, um bilhete ou recado. Sua linguagem, de uma forma geral, não é monitorada também, apesar de poder ser bem elaborada, dependendo do destinatário da mensagem. Para sua utilização é necessário um endereço eletrônico, que pode ser comparado a um endereço postal. Enquadra-se na modalidade assíncrona.
- redes sociais: são ambientes em que pessoas ou organizações estão conectadas por apenas um ou vários tipos de relações, sejam elas pessoais, profissionais ou de interesses diversos, ou seja, as pessoas se agrupam conforme seus interesses em comum. São exemplos de redes sociais a *Wikipedia*, que funciona como uma enciclopédia virtual, o *LinkedIn*, que é uma rede de negócios e que aproxima profissionais de uma mesma área, *Twitter*, que é nada mais do que rede social que permite a publicação de textos diversos, porém limitados a 140 caracteres, e o *Facebook*, que, de acordo com pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Transporte em 2013, é atualmente o mais popular entre os usuários da Internet¹, porque permite publicar imagens e sons compartilhados do próprio computador ou de outras redes sociais. Podemos ainda mencionar o *Youtube* para publicação de vídeos e o *Instagram*, que também possibilita a publicação de fotos e vídeos, os quais podem ser compartilhados diretamente no *Facebook*.

Ainda sobre as redes sociais, elas são capazes de congregam várias pessoas

¹ <http://www.tecmundo.com.br/pesquisa/42044-pesquisa-aponta-que-facebook-e-a-rede-social-mais-usada-no-brasil.htm>

em torno de um único objetivo e sua influência é significativa no processo de fortalecimento de uma sociedade, em contexto de participação democrática e mobilização social. Como exemplo, podemos citar as manifestações ocorridas no país no ano de 2013 que foram organizadas nas redes sociais, mobilizando não só o Brasil mas também outros países.

Analisando essas ferramentas, percebemos que são multimodais, uma vez que reúnem “em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem” (MARCUSCHI, 2010:16), ampliando a capacidade da comunicação, interação, na ferramenta em uso. Ainda segundo esse autor, tanto a *Internet* quanto todos os gêneros a ela ligados são baseados na escrita.

Assim, consideramos que:

a internet não é um ambiente virtual homogêneo, mas apresenta uma grande heterogeneidade de formatos e permite muitas maneiras de operação relativas à participação e aos processos interativos. (MARCUSCHI, 2010:32)

Além disso, a revolução tecnológica está em constante atualização, provocando mudanças na forma como as pessoas se comunicam e interagem consigo mesmas e com o mundo do qual fazem parte, influenciando a maneira como as pessoas trabalham a linguagem, o que nos faz, novamente, afirmar que a funcionalidade define a forma e que a *Internet* continuará a provocar muitas modificações nos processos de interação entre as pessoas.

1.2.1 O CHAT

A palavra *chat* vem do inglês e seu significado quer dizer “conversa”.

Esta modalidade virtual de comunicação pode acontecer em ambientes

coletivos (salas de bate-papos), em que várias pessoas, ao mesmo tempo, interagem, ou pode acontecer em ambiente reservado, em que apenas dois usuários se comunicam. Lembramos que o *chat* reservado, também, pode acontecer em salas de bate-papo ou em ferramentas de interação específicas como o atual *Skype* ou ainda no *Facebook Messenger*.

Em relação aos programas de comunicação instantânea e reservada, surgido em 1996, o pioneiro foi o ICQ, cujo significado da sigla é *I seek you*, que quer dizer eu procuro você. Porém alguns anos depois (1999), surgiu o *MSN Messenger*, o qual foi substituído pelo *Windows Live Messenger* (2009). Este foi o programa mais utilizado ao redor do mundo. E em janeiro de 2013, o *Windows Live Messenger* foi também substituído, definitivamente, pelo *Skype*, programa esse que permite comunicação de voz, escrita e troca de arquivos.

Além desse, não podemos deixar de mencionar o *Facebook Messenger*, que também permite a comunicação instantânea entre os usuários da rede social *Facebook*.

As interações por meio dos *chats* estão mais próximas de uma conversa, porque apresentam alternância de turnos de fala de usuários como numa conversa presencial, porém não a substituem. São limitadas aos recursos oferecidos pelo suporte digital utilizado.

A linguagem aqui empregada pode ser caracterizada como informal, com uma escrita mais abreviada e fonética, com a presença de caracteres especiais combinados (resultado de criatividade na hora da escrita) com o intuito de suprir a falta que a linguagem tem de sinais corporais e de tom de voz no ambiente virtual. Dessa combinação de caracteres, criaram-se, há mais de 30 anos, os *emoticons* para expressar alguma emoção no mundo virtual. Atualmente, o *emoticons* ganharam novas formas, cores e movimentos. A presença deles não se limita

apenas aos *chats*, mas a outras ferramentas como o correio eletrônico ou redes sociais.

CAPÍTULO 2 – NOVA LINGUAGEM

2.1 LINGUAGEM

Para Bakhtin (2011), a atividade humana está baseada no uso da linguagem, que é multiforme, e que, dependendo do campo de atividade humana, o emprego da dela ocorre em forma de enunciados, sejam eles orais e escritos.

Ainda segundo Geraldi (2010), a linguagem é condição imprescindível para apreender e formar conceitos que possibilitam aos homens compreender o mundo e nele agir.

Dessa forma, podemos afirmar que a linguagem é a capacidade de que o homem tem de expressar, no mundo em que vive, os pensamentos, as ideias, opiniões e sentimentos, por meio da fala, da escrita ou outros signos, isto é, no cotidiano ele se apropria da linguagem verbal e não-verbal para se comunicar.

Na linguagem verbal, podemos enquadrar a fala e a escrita, por exemplo, o diálogo, textos escritos e orais reproduzidos no rádio, na televisão ou nos veículos de comunicação impressa; na linguagem não-verbal, enquadram-se outros recursos como imagens, símbolos, desenhos, sons, gestos, tom de voz, cores, etc.

Ainda sobre a linguagem, considerando o contexto social em que é produzida, ela se classifica como formal (em situações em que o uso da linguagem padrão é exigido, por exemplo, em reuniões de trabalho), ou informal (situações em que há intimidade entre os falantes e esses se apropriam de expressões coloquiais, isto é, não há uma preocupação com o uso da linguagem padrão da língua).

Dessa forma, embora a linguagem se mantenha classificada como um sistema de sinais dos quais se apropriam os indivíduos para se comunicar, ela não pode ser compreendida como um sistema fechado, mas que sofre flexões a fim de

atender às necessidades dos usuários em um processo comunicativo e que exige um campo de compreensão comum instaurado pela linguagem, o qual fornecerá um domínio comum de referência.

Acrescentamos ainda, de acordo com Koch que:

uma ação de linguagem exige do agente produtor uma série de decisões, que ele necessita ter competência para executar. Tais decisões referem-se, em primeiro lugar, à escolha do gênero mais adequado, além de outras relativas à constituição dos mundos discursivos, à organização sequencial ou linear do conteúdo temático, à seleção de mecanismos de textualização e de mecanismos enunciativos. (KOCH, 2011:165)

Assim, entendemos que a linguagem se adequa para atender às necessidades da atividade humana em seu ato de criação, ou seja, todo ato de linguagem (discurso) é um ato essencialmente dialógico constituído numa situação de interação verbal e que se molda de acordo com as condições concretas em que se realiza, exigindo de seus usuários a competência para trabalhar a linguagem e efetivar a comunicação.

2.2 A LINGUAGEM DA *INTERNET* E SEU IMPACTO

É a partir da década de 90 que aconteceram mudanças linguísticas significativas, surgindo o início de uma nova era linguística (CRYSTAL, 2006:14). Por meio das novas tecnologias, novas formas de registro apareceram para se comunicar, as quais podemos chamar de a linguagem da *Internet* ou internetês.

Para Crystal (2006:79), “o mundo da internet é extremamente fluido, com os usuários explorando suas possibilidades de expressão, introduzindo combinações

novas de elementos e reagindo aos desenvolvimentos tecnológicos”. Ou seja, a *Internet* está transformando os hábitos das pessoas, principalmente o público jovem, que mais facilidade tem para lidar com as novidades tecnológicas.

Devido a isso, ela também tem despertado certa desconfiança em relação ao seu uso, principalmente entre aqueles que se ocupam da linguagem, alegando que a *Internet* a influencia, prejudicando a escrita de seus usuários, em especial, os jovens. Ao revés, também existem defensores do uso dessa tecnologia como ferramenta e suporte para o processo de ensino e aprendizagem.

Geraldi (2010) salienta que não acredita, em termos de linguagem, que possa haver um único caminho, pois a língua é um processo de vai e vem contínuo, o que nos leva a pensar que não existe uma maneira única e correta de se escrever ou de se falar, porque o mais importante é o comunicar.

Em relação à comunicação mediada por computador, de acordo com Crystal (2009), ela não pode ser comparada à escrita convencional, porque, devido à necessidade de uma interação síncrona rápida, os usuários escrevem sem se preocupar com a ortografia, tamanho de letra, ou seja, não se preocupam em produzir um texto bem elaborado e sistematizado.

Marcuschi (2010:22), ao citar Crystal, afirma que a linguagem utilizada na *Internet* possui características peculiares, tais como: baixo emprego de pontuação, ortografia um tanto esquisita, emprego excessivo de siglas, abreviatura nada comum e com estruturas frasais pouco ortodoxas e escrita semialfabética. A escrita nos ambientes virtuais “tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo” (MARCUSCHI, 2010:35).

Embora isso aconteça, geralmente, em boa parte das interações por meio do computador, há situações nas quais os usuários tomam um maior cuidado, tendo como referência o interlocutor e a situação comunicativa, por exemplo, numa relação

hierárquica dentro de uma empresa em que um funcionário tem de responder a um *e-mail* ao seu superior.

Cintra (2011) afirma que os usuários e os suportes de comunicação mudam, porém a função continua a mesma e os usuários desses novos suportes precisam saber onde cada técnica tem de ser utilizada para que não caiam em erro, que não se podem misturar os contextos de produção.

Vemos assim uma linguagem da *Internet* não preocupada em cumprir os padrões da norma culta da língua, mas em atender a uma necessidade de rapidez no processo comunicativo. Em outras palavras, a funcionalidade determina a forma a ser empregada para concretizar a comunicação, exigindo um usuário capaz de utilizar linguagens existentes com eficiência e destreza.

Fica evidente que não existe um cânone a ser seguido, cada usuário se apropria da linguagem da maneira como lhe convém. Dizer que uma é certa ou errada, pode nos levar ao próprio erro, uma vez que “o escrever bem requer mais do que a produção de sentenças corretas, também envolve a comunicação bem-sucedida de mensagens significantes para os outros.” (BAZERMAN, 2011:16)

Além de não haver uma sistematização na forma de escrita nos ambientes virtuais, as produções textuais realizadas nos suportes tecnológicos são multimodais, porque os usuários agregam a elas outras modalidades de formas linguísticas, sejam elas verbais (escrita) e não verbais (ROJO, 2013).

O texto é estruturado, a fim de atender às necessidades tanto do produtor quanto do leitor, isto é, o texto é moldado segundo determinam os seus interlocutores, já que os enunciados são construídos a partir de uma relação sócio-histórica de interação entre os usuários da língua dentro de instituições e atividades sociais (CHARAUDEAU, 2010).

Travaglia (2006) ainda acrescenta que nesse processo de interação, existe

sempre uma ação entre o produtor e o receptor do texto, ou seja, sempre há uma ação de um sobre o outro, mostrando que a comunicação não é unilateral e que os textos produzidos são moldados conforme a situação comunicativa.

Ainda é bom frisar que a produção escrita em ambientes virtuais varia bastante, buscando atender às necessidades do indivíduo que utiliza o suporte oferecido pela *Internet*, criando-se gêneros distintos para cada suporte utilizado e até mesmo mesclando os gêneros.

Outro aspecto a ser mencionado é o fato de que, embora as sentenças produzidas nos suportes digitais sejam breves, não significa que as pessoas estão lendo escrevendo menos; ao contrário, elas estão lendo e escrevendo muito mais, uma vez que a interação é muito mais rápida, exigindo maior atenção dos usuários no que leem para que possam responder (SHEPHERD & SALIÉS, 2013). Para essas autoras, o internetês nada mais é do que uma forma de se transmitir mensagem, porém com escritas reduzidas e truncadas, imitando a modalidade oral (fala).

Podemos ainda acrescentar que, com a *Internet*, um grande número de palavras e expressões surgiu, o que faz Crystal (2006:11), ao citar Chambers, afirmar que “o futuro da *Internet* aponta muito mais para o multilinguismo”, criando uma quantidade infinita de expressões inovadoras a partir de um finito número de elementos. Isso porque está baseado num sistema de regras diversificado para símbolos e seus significados. Não podemos também desconsiderar que a linguagem possui vários usos sociais e culturais, variando em suas formas.

Como exemplo, podemos citar as palavras que se tornaram habituais nas ações de quem lida com as tecnologias da informação e comunicação, por exemplo, fazer “*upload*” ou “*download*” de um arquivo, “escanear” documentos, teclar, estar “*on-line*”, etc. Essas são algumas de muitas outras expressões na área.

Mediante a essas observações a cerca da linguagem da *Internet* ou internetês, as consequências linguísticas do uso do novo meio de comunicação podem ser encaradas de duas formas: a primeira, é que há início de mudança no caráter formal das línguas que o utilizam e em segundo, é que oferece novas oportunidades para que as línguas o utilizem. Ou seja, a cada criação de um meio de comunicação, novas convenções são introduzidas, apresentadas, criando-se novas regras que atendam às necessidades da comunicação.

2.3 O CHATE SUA LINGUAGEM

Chat significa conversa ou bate-papo e é um neologismo para designar aplicações de conversação em tempo real mediadas por computador, sendo necessárias duas ou mais pessoas conectadas ao mesmo tempo para sua realização.

A linguagem do *chat*, ou o internetês, é a demonstração da criatividade dos usuários de *Internet* para se comunicar, empregando os mais variados recursos. Ou seja, é uma linguagem multiforme e flexível.

Embora se diga que a conversa realizada no *chat* seja semelhante à interação face a face, não se pode afirmar isso, porque numa interação realizada utilizando a tecnologia não haverá particularidades específicas da fala, como olhares, gestos, grunhidos e expressões corporais, tudo isso dando retorno daquilo que é dito. Porém esse tipo de comunicação possui características típicas a ela em substituição à interação face a face, por exemplo, associação de sons, imagens, cores, tipos e tipos de letras, repetições e pontuações empregadas. (CRYSTAL, 2006). Ou seja, “a comunicação mediada por computador não é idêntica à fala ou à escrita, mas exhibe certas propriedades seletivas e adaptáveis presentes em ambas.”

(CRYSTAL, 2006:90).

Acrescentamos ainda que o ritmo da interação, relativo ao retorno dos turnos nas conversas mediadas pelo computador é mais lento do que os turnos da fala, o que invalida algumas características de uma conversa (CRYSTAL, 2006).

Sobre a organização do *chat*, notamos a existência de uma certa ordem, uma vez que os textos são produzidos de forma mais ordenada e há, geralmente, apenas duas pessoas batendo papo, logo, há um respeito aos turnos de fala de seus interlocutores (MARCUSCHI, 2010). Esta modalidade de comunicação aproxima-se da conversação presencial. Ou seja, a comunicação interativa realizada por meio do computador é proveniente de uma transmutação de diálogos em linguagem escrita e em tempo real, como uma transcrição da fala no ato da produção de uma mensagem enviada a alguém.

Marchuschi (2010) caracteriza o *chat* como um ambiente descontraído e informal, devido ao fraco monitoramento da linguagem e à volatilidade do meio e a rapidez na interação. Isso demonstra o desaparecimento do formal nas interações de bate-papo.

Ainda sobre a linguagem nos *chats*, citando Crystal, Marcuschi (2010) aponta que as interações de bate-papos são fascinantes, porque mostram evidências de notável versatilidade linguística, principalmente, entre os jovens, isto é, demonstra a criatividade de seus usuários. Logo, “o que se tem, em termos linguísticos, é uma linguagem escrita não monitorada, não submetida a revisões, expurgos ou correções. É uma linguagem em seu estado natural de produção.” (MARCUSCHI, 2010:75).

É uma linguagem mais abreviada, mais nominalizada, mais fonética, com uma escrita influenciada pela oralidade em sua construção. Quanto ao uso de ícones representativos de emoções (*emoticons*), esses, pouco são empregados em

comunicações mais formais, sérias e a compreensão de seu uso na interação dependerá do contexto verbal para que não gere ambiguidades. Ainda sobre os *emoticons*, eles surgiram por volta de 1980 para auxiliar o usuário do internetês na expressão de seus sentimentos.

Cintra (2011) aponta que a escrita na *Internet*, segundo o sistema, em sua construção, está certa, ferindo apenas a norma gramatical. Travaglia (2006:63) acrescenta que a ideia de que tudo que foge à norma está errado nada mais é do que um preconceito, uma vez que “todas as variações linguísticas são igualmente eficazes em termos comunicacionais nas situações em que são de uso esperado e apropriado”. Logo, a escrita dos *chats* deve ser observada se está adequada ou não ao suporte e situação de comunicação, mas não se ela está certa ou errada, uma vez que os registros das conversas realizadas em *chats* não apresentam uma padronização da escrita.

Observe: “Td bem? Blz? Sds. 9dades?”. Para sua compreensão, é necessário que o internauta domine o mesmo código - o internetês, caso contrário, haverá falhas no entendimento da mensagem transmitida. Só nesse trecho, verificamos uma escrita abreviada, curta, nominalizada. Além disso, percebe-se que a ausência de vogais nas palavras não compromete em nada a sua compreensão. O que ocorre é apenas uma agressão à normal gramatical, mas não ao sistema, porque a transmissão da mensagem se efetivou. Isso se deve ao fato de os usuários compartilharem as regras e códigos utilizados nas ferramentas de bate-papo e construírem seus textos dentro de um sistema lógico, mesmo sem uma padronização de escrita.

Cintra (2011) ainda nos põe em evidência que a escrita na *Internet*, no *chat*, nada mais é do que uma transcrição da fala no suporte digital, além de ser uma retextualização inversa daquilo que é defendido pela norma e não pelo sistema. Ela

ainda afirma que nas interações de bate-papo há uma escrita mais fonética, inteligente, porque utiliza o mecanismo da língua.

Ainda sobre a escrita dos *chats*, em comparação à conversação face a face, que nem sempre é marcada pelo uso da norma culta, podemos afirmar que esse registro da escrita nas ferramentas de bate-papo possui características linguísticas comuns à linguagem oral e à linguagem escrita, muito mais natural e sem preocupação com o certo ou errado, mas sim com a comunicação. Porém isso não quer dizer não exista um planejamento prévio e elaborado da linguagem empregada, pois há uma estrutura gramatical internalizada no ser humano.

Mediante a todas essas características da escrita nos ambientes virtuais, constatamos que a linguagem é multiforme, porque consegue agregar à sua concretização diferentes recursos que auxiliam na efetivação da comunicação, ou seja, os recursos adicionais como sons, vídeos, imagens, ícones especiais entre outros ajudam, num contexto situacional de interação mediada por computador, a compreender a mensagem propriamente dita.

E ao texto escrito, são associados os seguintes aspectos: cores, sons, ícones, imagens, links para outros textos. Esses recursos, além de dinamizar o processo de comunicação, também servem para tentar suprir as ausências de ações em uma interação face a face e acrescentar, com facilidade, novas informações ao mesmo tempo, tornando a comunicação muito atraente e interativa nos suportes digitais.

2.4 A LÍNGUA E O ENSINO: ASPECTOS FONÉTICOS/FONOLÓGICO, MORFOLÓGICO E SINTÁTICO

A língua é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de

convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 2006:17).

Ainda, de acordo com Sausurre (2006), a língua é um sistema de signos linguísticos, cuja existência é coletiva e independe de cada indivíduo para sua constituição. É como se em cada pessoa houvesse um dicionário interno, comum a todos, independente de sua aceitação ou não.

Assim vemos que a língua é um sistema de signos histórico e social, os quais permitem ao homem dar significado ao mundo e a realidade. Seu aprendizado não acontece apenas por meio de palavras, mas também por significados culturais.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), para o processo de ensino e aprendizagem de uma língua é sempre importante considerar o aprendiz, o objeto de conhecimento, no caso a língua, e o seu ensino. O aprendiz é o elemento que agirá sobre o objeto de conhecimento baseado nos estudos teóricos sobre o objeto de conhecimento, ou seja, este último servirá de mediador entre os dois primeiros.

De acordo com A nova gramática do português a “LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos...” (CUNHA & CINTRA, 2007:1). E o ato de ensinar prevê uma forma sistemática de transmissão de conhecimentos. Assim entendemos que o ensino de uma língua está baseado, tradicionalmente, em normas ditadas por uma gramática.

A língua se materializa na fala e na escrita e o estudo dela está atrelado às normas ditadas por sua gramática. Sendo essas duas modalidades formas de expressão da língua, podemos dizer que a escrita transforma a fala e esta influencia a escrita, com o surgimento das marcas da oralidade em textos escritos.

Nos registros de *chats*, observa-se uma escrita com emprego de abreviações, ausência de pontuação, repetição de letras e emprego de ícones gráficos como os

emoticons. Essas ocorrências desestabilizam o conceito de língua escrita culta, que é ditada pelas gramáticas.

Podemos observar esses registros, considerando os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Em relação ao aspecto fonético e fonológico, percebemos uma escrita muito mais fonética e repleta de abreviações.

Considerando o aspecto morfológico, também identificamos na escrita reduções e abreviações, surgimento de novas palavras, seja por derivação ou formação, emprego de gírias e empréstimos linguísticos.

Analisando a relação entre fala e escrita, Fusca (2007) propõe quatro processos formadores de abreviaturas, com o registro gráfico do primeiro grafema de cada sílaba, por exemplo: vc (você), tc (teclar); modo de enunciação oral: taum (estão), bele (beleza); simplificação de dígrafos: aki (aqui); empréstimos linguísticos: add (adicionar).

Já em relação ao aspecto sintático, observam-se construções com períodos curtos e simples e interrupções sintáticas.

Analisando esses aspectos, verifica-se que todas essas características visam a agilizar a digitação, que de certa forma contribui para a manutenção dos turnos na interação, sem prejudicar o ato comunicativo.

CAPITULO 3 – NOVA INTERAÇÃO

3.1 MODALIDADE ORAL E MODALIDADE ESCRITA

A linguagem está além da capacidade humana e a forma como se manifesta por meio da língua, seja ela na modalidade oral (fala) ou escrita, demonstra como uma sociedade é organizada, porque apresenta relações complexas com as representações e as formações sociais. (Marcuschi, 2007).

Travaglia (2006), ao tratar dessa representação e formação sociais, aponta-nos dois tipos de variedades: os dialetos e os registros. Em relação à língua, esta resulta da forma como a usamos, dependendo do receptor, da mensagem ou da situação; aqueles são as variedades resultantes das pessoas e dependem dos emissores.

Sob essas observações, interessam-nos os registros, porque eles demonstram as interações considerando o grau de formalismo, modo e sintonia.

O grau de formalismo está relacionado ao cuidado no uso dos recursos da língua, aproximando-se cada vez mais da língua padrão e culta. Já o modo trata da oposição língua falada versus língua escrita. E a sintonia está relacionada com o ajustamento na estruturação de textos considerando as informações específicas e prévias sobre o ouvinte.

Marcuschi (2007) afirma que já não é possível perceber claramente as diferenças entre fala e escrita, ainda mais se tivermos como base o código, uma vez que essas modalidades podem ser vistas como conjunto de práticas sociais. Atualmente essas modalidades não são vistas como dicotômicas, mas como atividades interativas que se complementam no contexto de práticas sociais e culturais.

Para ele, o modo como usamos a língua é o mais importante e não aspectos gramaticais, uma vez que os usos determinarão as variações linguísticas. A intenção do autor não é desmerecer nenhuma das modalidades, mas tratá-las como complementares no processo comunicativo. Ainda afirma que a escrita não pode ser vista como representação da fala, uma vez que não é possível por meio daquela reproduzir fenômenos da oralidade (prosódia, gestos, movimentos corporais), bem como a fala não pode reproduzir características da própria escrita (tamanho e cor de letras, gráficos, ícones).

Observando por esse lado, segundo Marcuschi (2007:17):

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais e dialetais e assim por diante.

Exemplificando essa complementaridade da fala e da escrita, Marcuschi (2007) ainda cita as conversas realizadas em ambiente virtual, nos chamados bate-papos, cuja realização ocorre na escrita, porém com características típicas de uma conversa, tornando o texto em misto, uma vez que mescla a fala e a escrita.

Pensando a escrita e a oralidade na sociedade, sabemos que a primeira tem grande importância nos dias atuais, uma vez que percorre quase todas as práticas sociais. Porém o uso da segunda não implica estar totalmente alfabetizado para que se compreenda ou transmita uma mensagem. Peguemos o exemplo de uma criança que está começando a ser alfabetizada, com pouca apropriação do código linguístico, ela conseguirá se comunicar por meio da oralidade e da escrita, mesmo com suas limitações, mas em relação à escrita, ela pode se apropriar de recursos

mais particulares como o uso de sons e imagens e poucas palavras escritas para comunicar o que deseja. Dessa forma, “pessoas ditas ‘iletradas’, ou seja, analfabetas, não deixam de estar sob a influência de estratégias da escrita em seu desempenho linguístico”. (MARCUSCHI, 2007:20)

Assim, afirmar que o texto produzido na *Internet* pode trazer consequências negativas ao processo da escrita é muito relativo, porque não podemos compreender, no todo, os gêneros criados pela *Internet* tampouco compreender as formas de sua manifestação. Às vezes para determinado gênero da *Internet*, dependendo do contexto de produção, a escrita pode ser mais relaxada, ou pode ser mais rebuscada, ou seja, vai depender do contexto situacional e das pessoas envolvidas.

Fazendo-se o paralelo entre oralidade e escrita, ambas são imprescindíveis à comunicação e a discriminação de seus usuários por conta da forma como se comunicam em uma dessas modalidades não é aceitável. É preciso observar que o mais importante agora é comunicar e adequar a linguagem ao contexto comunicacional. Professores, geralmente, criticam o uso da *Internet* porque, para eles, ela influencia a escrita dos alunos, mas é bom lembrar que “a escrita tem uma perspectiva na escola e outra fora dela”. (MARCUSCHI, 2007:22).

Para tratar das relações entre fala e escrita, Marcuschi (2007) apresenta algumas tendências de estudos.

A primeira delas é a da perspectiva dicotômica, em que faz análise das relações entre as duas modalidades, tendo como base o código e toma a língua como um sistema de regras. Não existe uma preocupação com os usos discursivos nem com a produção textual e considera a fala como o lugar do erro, sem preocupação com as normas gramaticas, e a escrita como o lugar da ordem, do bom uso da língua. Conclui-se que esta não é uma vertente tão adequada para a análise

do que propomos em nossa pesquisa, visto que o *chat* é o lugar onde o uso da linguagem é solto e descontraído.

A segunda vertente é a de caráter culturalista, cuja análise é de cunho cognitivo, isto é, a escrita é a representação de um avanço cognitivo dos usuários da língua supervalorizando a escrita. Logo, esta não é adequada para análise dos fatos da língua, já que tem uma visão global da estrutura.

A terceira vertente apresenta uma perspectiva variacionista. Aqui, o tratamento dado à fala e a escrita estão sob o foco educacional, vendo a língua numa relação ao padrão e não-padrão linguístico e não se faz distinção entre as modalidades, visto que as variações ocorrem nas duas. Para Marcuschi (2007:32), “fala e escrita não são propriamente dois **dialetos**, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita, se torna **bimodal**”.

A quarta vertente está sob a perspectiva sociointeracionista, que encara “a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala” (MARCUSCHI, 2007:33). Preocupa-se com os mecanismos de produção de sentido num contexto sócio-historicamente delimitados por atividades de negociação ou por processos inferenciais.

Acreditamos, portanto, mediante a apresentação dessas vertentes, que a última - sociointeracionista - se adequa mais ao propósito deste trabalho que é o de analisar as conversas de bate-papo, caracterizá-los e identificar as marcas da oralidade, não visando à demonstração de erros, mas de possibilidades de escrita e de reescrita, adequando a linguagem ao contexto situacional de interação, seja ele virtual ou não.

Independentemente da modalidade (oral ou escrita) ou se adequada ou não aos padrões da norma culta, a linguagem, empregada pelo homem, é muito

importante, porque é por meio dela que as ideias, conceitos e pontos de vistas são expressos e exteriorizados para o mundo e para as pessoas. Talvez, por alguns terem a visão da linguagem de forma dicotômica, isso os faz acreditarem que a linguagem utilizada pela *Internet* esteja errada, uma vez que não segue os padrões gramaticais impostos pelos conservadores.

Ampliando a questão das modalidades, Marcuschi nos apresenta um gráfico em que há dois domínios linguísticos (fala/oralidade e escrita), em que essas duas modalidades ocorrem em dois contínuos: escrita e fala. Observe:

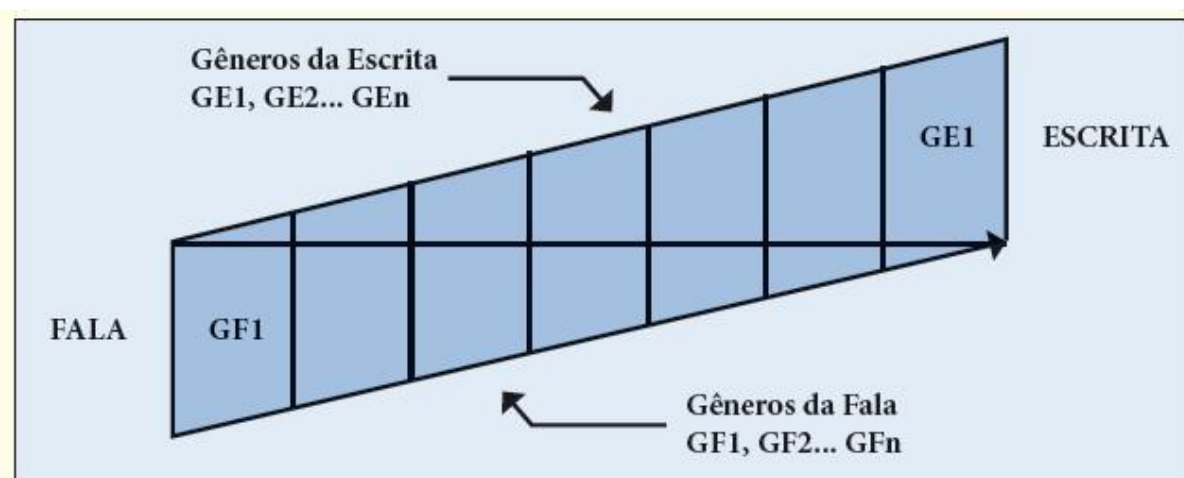


Gráfico 1. Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais

Marcuschi (2007:38) ainda afirma que “há gêneros que se aproximam da oralidade pelo tipo de linguagem e pela natureza da relação entre os indivíduos”. A partir dessa afirmação, pensemos um pouco nas conversas geradas a partir do programa de comunicação *Skype*. Teremos uma modalidade escrita muito menor (GE7), em ocorrências de comunicações pessoais em contraposição ao (GF1), com características muito próximas da fala, nas conversações. E o ponto de mudança seria exatamente essa linha tênue que permite a transição de uma modalidade a outra, ou de um gênero a outro, ou seja, a fala varia e a escrita varia.

Agora observemos este outro gráfico em há a representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva:

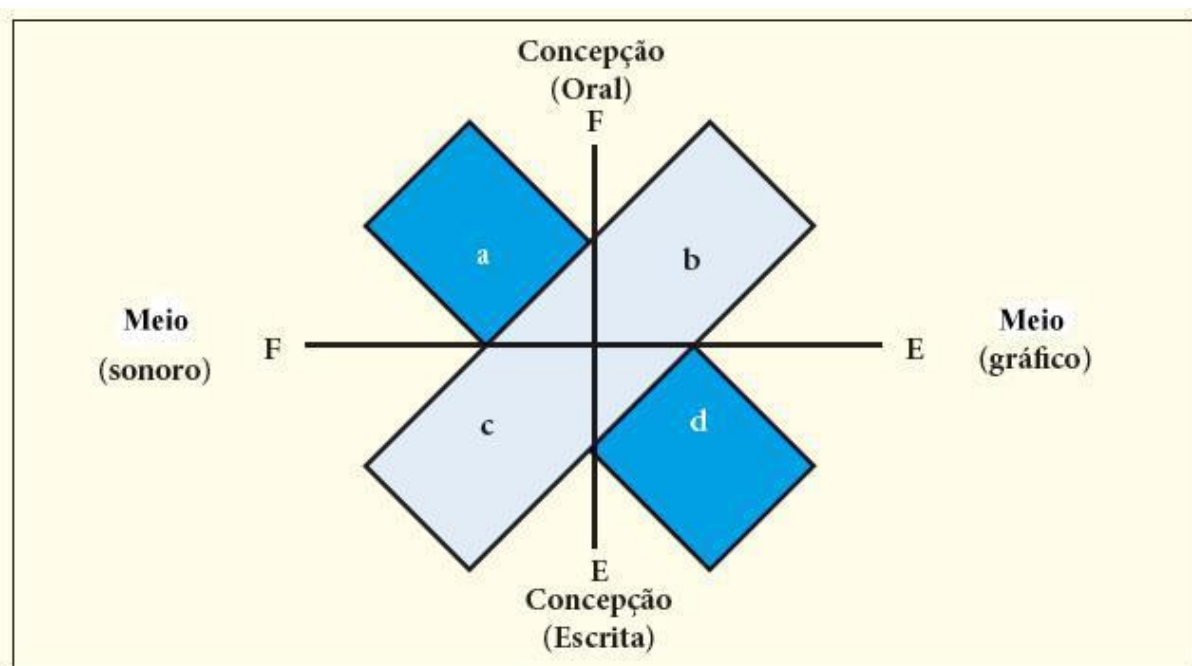


Gráfico 2. Representação da oralidade e da escrita pelos meios de produção e concepção discursivos

Se pensarmos nas conversas de bate-papo realizadas nos suportes digitais, por exemplo, o *Skype*, constataremos que, em termos de produção e concepção discursivos, o *chat* será um texto misto, situado no domínio “B”, porque, embora o meio utilizado seja a escrita, a sua concepção discursiva é oral, uma vez que a interação se assemelha a uma conversa face a face.

Para melhor compreendermos o exposto, veja o quadro abaixo:

Gênero textual	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Bate-papos		X	X		B

Distribuição do gênero textual de acordo com o meio de produção e concepção discursiva

Chegamos a essa conclusão, porque observamos a fala e a escrita a partir da perspectiva do uso e não do sistema.

Mediante a tudo que foi apresentado até o momento, podemos concluir que a visão dicotômica não pode mais ser sustentada e que fala e escrita são distintas, mas essa distinção não é extrema e sim gradual e contínua.

3.2 GRAU DE FORMALIDADE E GRAU DE INFORMALIDADE

Dependendo do contexto de produção de um texto, ele variará dentro de uma escala de formalidade, que representará o grau de formalismo do texto.

Pautando-se em Travaglia (2006:53), devemos considerar que a língua oral e a escrita apresentam, cada uma, um conjunto próprio de variedades de grau de formalismo.

Ainda segundo Travaglia (2006), a concepção de que o informal está para a língua falada (oral) e o formal para a escrita é errônea, embora “as variedades de grau de formalismo da língua escrita apresentam uma maior tendência para maior regularidade e geralmente maior formalidade que as da língua falada” (TRAVAGLIA, 2006:53).

Desta forma, quanto maior for o grau de formalismo, mais próxima a variedade utilizada estará da variedade padrão e culta. E acrescentamos ainda que o formal não só se apresentará no texto escrito, mas também no texto oral.

3.3 MULTILINGUISMO

O léxico de uma língua está sempre se renovando, se adaptando às necessidades de seus usuários. Essa mudança acontece de forma discreta e sem a percepção consciente dos falantes da língua.

Desde a popularização da *Internet*, com as novas tecnologias, observamos, na Língua Portuguesa, que novas palavras surgiram e outras se adequaram ao contexto tecnológico e grande influência veio da Língua Inglesa.

Essa incorporação de novos vocábulos é devida ao grande uso de equipamentos de informática, bem como a utilização de *softwares* e *hardwares*.

Com isso, vemos acontecer um multilinguismo por causa da *Internet*, como já previa Crystal (2006), que nada mais é do que a capacidade de se criar uma quantidade infinita de expressões inovadoras a partir de um finito número de elementos, seja por meio de uma pessoa ou por uma comunidade de pessoas, ou ainda, é a ação de utilizar ou promover o uso de vários idiomas, o que ocorre devido à nova era tecnológica – a era da *Internet*.

CAPÍTULO 4 NOVO PROCEDIMENTO

4.1 RETEXTUALIZAÇÃO

Retextualizar não é passar da fala para a escrita, pois envolve alguns procedimentos que podem afetar tanto o código quanto o sentido. Isso não quer dizer que será tirada a fala do caos e transposta para a escrita de forma ordenada. Marcuschi (2007:47) nos diz que “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem, é a passagem de uma ordem para outra ordem”.

O autor apresenta a diferença entre retextualização e transcrição. Esta é a passagem de um texto sonoro para a forma gráfica, sem interferir no discurso produzido do ponto de vista da linguagem e conteúdo, já naquela há uma maior interferência e mudanças mais sensíveis. Logo, a transcrição não é uma retextualização.

Em nosso dia a dia, praticamos retextualização quando repetimos ou relatamos o que foi dito por alguém ou até quando fazemos citações, ou seja, ela é uma prática muito comum. Com ela, estamos modificando, reformulando de uma maneira para outra. Nem de forma policiada nem mecânica, retextualizamos o que captamos primeiramente, mas para que isso aconteça é preciso que ocorra um processo cognitivo, isto é, de compreensão.

Bom esclarecer que o cognitivismo aqui apresentado não significa maior capacidade de escrita, mas de conhecimento. Assim, é importante saber ler, compreender o sentido que o texto quer passar para então fazer a retextualização. O mesmo ocorre com os registros de conversas realizados nos *chats*. Por meio da escrita, retextualiza-se aquilo que seria dito.

O autor nos apresenta quatro possibilidades de retextualização:

1. Fala → Escrita (entrevista oral → entrevista impressa)
2. Fala → Fala (conferência → tradução simultânea)
3. Escrita → Fala (texto escrito → exposição oral)
4. Escrita → Escrita (texto escrito → resumo escrito)

Analisando os textos produzidos em bate-papos, podemos dizer que esses já foram transcritos, uma vez que são registros provenientes da comunicação oral. Em nosso estudo, proporemos como atividades algumas operações de retextualização sugeridas pelo item 4 apresentado acima, não propriamente como resumo, mas uma reformulação da linguagem empregada nos ambientes virtuais de bate-papo para uma linguagem menos fragmentada e com menos marcas da escrita em *chat*, o que poderia se caracterizar como uma quinta categoria, mas que depende de maior aprofundamento para seu estabelecimento.

No processo de retextualização, segundo Marcuschi (2007), é importante observar:

- o propósito da retextualização;
- a relação entre o produtor do texto original e o transformador;
- a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
- os processos de formulação típicos de cada modalidade.

Em relação ao propósito deste trabalho, apresentaremos posteriormente algumas sugestões de atividades de retextualização que podem ser trabalhadas com os alunos, buscando melhorar o processo de ensino-aprendizagem, logo, caberá ao professor orientar seus educandos, estabelecendo critérios de retextualização.

É bom destacar que as atividades de retextualização referem-se a operações que envolvem “procedimentos de substituição, reordenação, ampliação/redução e mudanças de estilo, desde que não atinjam as informações como tal” (MARCUSCHI, 2007:62). Ele acrescenta ainda que todo processo de retextualização exige uma interpretação prévia nada desprezível em suas consequências. Ainda sobre os mecanismos de retextualização, é preciso muito cuidado para que, no processo, não sejam apresentadas mensagens diferentes daquelas originais, visto que os mecanismos são vários para essa mudança.

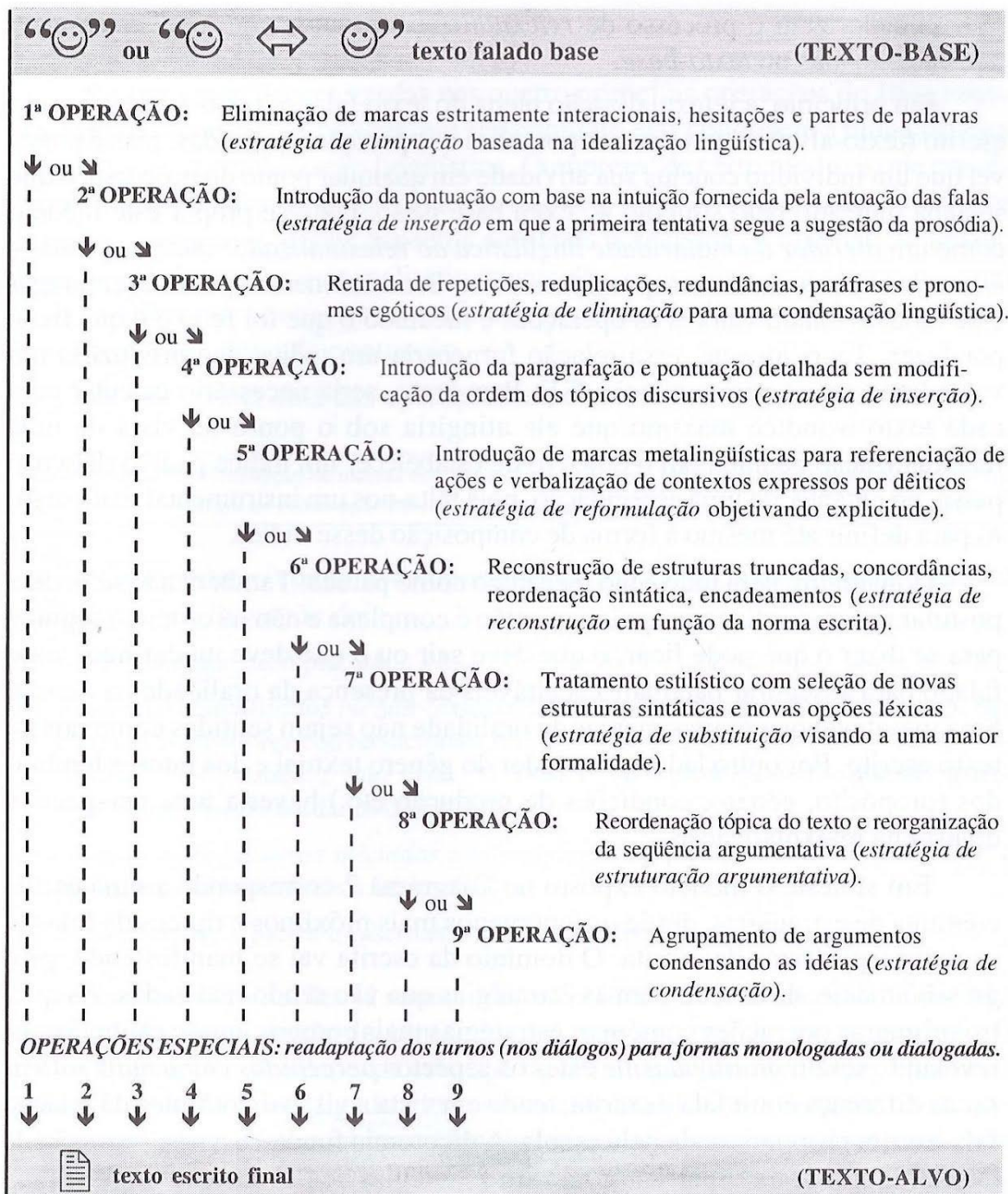
Apresentamos abaixo o modelo de operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito, proposto por Marcuschi (2007), para processos de retextualização. E com base nesse modelo que analisaremos os registros de bate-papo e proporemos atividades de retextualização das escritas no ambiente virtual, visando a uma adequação da linguagem.

Ainda segundo Marcuschi (2007), esse modelo pode ser trabalhado tanto no ensino como na investigação e, do ponto de vista técnico, ele só dá conta das questões de atividades de idealização (eliminação, completude e regularização), operações de 1-4, e de atividades de reformulação (acréscimo, substituição e reordenação), operações de 5-9. Essas últimas operações são as que tratam propriamente do processo de retextualização.

O autor do modelo destaca que no processo de retextualização, tanto se pode passar da operação 1 para o texto-alvo, ou percorrer todas as operações para se chegar ao texto escrito final. Isso vai depender da maturidade linguística de quem está processando a retextualização. Lembra ainda que uma retextualização bem-sucedida não precisa passar por todas as operações nem seguir a ordem proposta.

Abaixo, apresentamos o modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito.

Diagrama 2. Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito



Observações sobre as legendas para se ler o modelo:

- A sequência inicial na parte superior do modelo { “😊” ou “😊 ↔ 😊” } lembra apenas que pode tratar-se de um texto falado monologado { “😊” } ou então de um texto falado dialogado { “😊 ↔ 😊” } que serve de texto-base para a retextualização.
- O símbolo { ↓ } posto abaixo de cada uma das 9 operações sugere que se pode partir desse ponto para o texto escrito final, e o símbolo { ↘ } indica que se pode ir à operação seguinte.
- O símbolo { 📄 } na parte inferior do modelo lembra que esse é o texto escrito tido como o ponto de chegada, isto é, o texto-alvo do processo de retextualização.

Para melhor compreendermos os processos, faremos uma apresentação deles. Lembramos que eles se dividem em dois grandes grupos: o primeiro trabalha com as operações de regularização e idealização e o segundo, as operações de transformação.

Ainda sobre a retextualização, geralmente, após o seu processo, há uma diminuição em volume e extensão.

4.2 OPERAÇÕES DE RETEXTUALIZAÇÃO

Compreendem as quatro primeiras operações e conduzem a uma aproximação da idealização linguística.

1a operação - eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras. Por exemplo:

- hesitações: ah..., eh..., e... , o..., de..., do..., da..., dos...,
- marcadores conversacionais: “claro”, “certo”, “viu”, “entendeu”, “né”, “bem”, “hã”,
- segmentos de palavras iniciadas e não concluídas,
- sobreposições e partes transcritas como duvidosas.

2a operação - introdução de pontuação, a partir da entoação das falas.

3a operação - retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos. Busca-se retirar, com esta operação, elementos desnecessariamente reduplicados.

4a operação - introdução de parágrafos e pontuação detalhada sem modificação da

ordem dos tópicos discursivos.

4.2.1 OPERAÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO

Estas operações, que constituem a retextualização propriamente dita, envolvem procedimentos de substituição, reordenação, ampliação/redução e mudanças de estilo, desde que as informações não percam sua significação real.

5a operação - introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos.

6a operação - reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos. Nesta operação, encontra-se a normatização da escrita.

7a operação - tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas

8a operação - reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa. Exige alto domínio da escrita e ocorre em textos mais complexos.

9a operação - agrupamento de argumentos condensando as ideias.

Dentre essas 9 operações, ainda há as operações especiais que tratam da manutenção dos turnos com características dialógicas.

4.2.2 OPERAÇÕES DE TURNOS DIALÓGICOS

Existem três técnicas básicas:

Técnica I - manutenção dos turnos: transposição dos turnos tal como produzidos. São aplicadas as operações 1, 2, 3 e 5 do modelo e acrescentados segmentos encadeadores a título de contextualização. Pode haver junção de turnos.

Técnica II - transformação dos turnos em citação de fala: eliminação dos turnos com forte manutenção das falas sem a estrutura dialógica geral. Aplicam-se as operações 1 a 6 do modelo.

Técnica III - transformação dos turnos em citação de conteúdo: nesta, os turnos são eliminados e, introduzidas, as formas de discurso indireto. Neste processo ocorre uma reordenação de conteúdo e de léxico. Aplicam-se todas as operações do modelo apresentado. Neutralizam-se, por completo, as falas e os turnos individuais dos participantes.

Além do que já foi apresentado, em todo processo de retextualização, há mudanças significativas, dependendo de quem realizará a transformação, bem como o objetivo da atividade. Podem ocorrer certa reestilização e relexicalização.

Marcuschi (2007) afirma que o seu modelo poderá ser seguido não só para a passagem da oralidade para a escrita, mas que pode ampliar seu campo de atuação para outros tipos de retextualização. Esse modelo apresentado considera o aspecto textual-discursivo e não apenas as estruturas formais.

Para as atividades realizadas em sala de aula, o autor ainda afirma que o modelo dá um certo dinamismo ao processamento dos textos, que é preciso exercitar a criatividade.

CAPÍTULO 5 – NOVO TEXTO

5.1 ANÁLISE DAS PECULIARIDADES LINGUAJEIRAS NOS CHATS

Neste capítulo será dado um tratamento analítico reflexivo para excertos retirados de *chats*, a fim de se verificarem as peculiaridades linguajeiras, marcadas pelas configurações da modalidade oral e de se encontrarem suas correspondências linguísticas, próprias da modalidade escrita, para o exercício de retextualização.

Para caracterizar as transcrições apresentadas para análise neste trabalho e para que não existam dúvidas quanto à classificação delas como uma conversação, baseamo-nos em Marcuschi (2007) que afirma não ser condição necessária para uma conversa que essa interação seja face a face, desde que nessa interação existam, pelo menos, dois falantes e uma troca de turnos, e que essa interação ocorra ao mesmo tempo.

Sendo assim, as conversas realizadas em suportes digitais que permitem um bate-papo, enquadram-se nessas características, uma vez que estão permitindo aos seus usuários a troca de informações, como numa interação face a face, além de haver turnos e estarem ocorrendo ao mesmo tempo.

Para investigar os registros das conversas de bate-papos, foram coletadas conversas virtuais, em situações comunicacionais distintas e entre usuários diferentes (registros de *chat* entre aluno e professor, e entre alunos e alunos) para que pudessem ser realizadas comparações posteriores sobre a escrita realizada nesses suportes. É a partir das amostras que buscamos verificar e analisar como a linguagem é empregada nesse suporte virtual, considerando os seus interlocutores e o contexto discursivo, identificando suas características.

As conversas apresentadas já foram transcritas, no momento de sua

interação, no processo de bate-papo entre os usuários do suporte digital em estudo.

O registro da conversa 1 é produto da interação entre um aluno (V) do 9º ano do Ensino Fundamental de escola particular e seu professor (A).

Conversa 1:

A: *V..., comprei um teclado Yamaha. Quero aprender a tocar.*

V: *hahaha ...*

V: *eu nao sei tocar isso*

haha

eu sei tocar Violao

haha

Maaas curto demaaais teclado

A: *Nunca toquei teclado, quero só ver o que vai dar.*

V: *haha*

meeeu tu aprende ou faz aula o pesquisa na internet

Maaas eh muito legal cara..

A: *Acha que será difícil?*

V: *naoo muito*

Identificando as características de um registro de bate-papo (internetês), podemos destacar os seguintes:

- escrita fonética: *maaas, demais, meeeu, eh*;
- ausência parcial de pontuação e acentuação: *“eu nao sei tocar isso”*;
- turnos curtos e rápidos;
- emprego de gírias: *“...eh muito legal cara”*;
- informalidade na interação.

Analisando o registro da interação, observa-se uma quebra de formalidade entre os seus usuários, o que fica evidente na forma como o aluno se refere ao seu professor, porque emprega na intercalação de seus turnos representações de gargalhada “hahaha”, bem como outras expressões (gírias): “meeeu” e “cara”. Outra marca de quebra de formalidade é o emprego da expressão idiomática “quero só ver o que vai dar”. Esses empregos representam uma maneira mais livre de se referir ao outro, quebrando a formalidade entre os usuários.

Ainda sobre essa conversa, observa-se, no turno do professor, a presença de pontuação, o que não ocorre no turno do aluno, com exceção do emprego das reticências. Essa característica demonstra preocupação do educador não só em transmitir a mensagem, mas que ela seja compreendida corretamente, evitando questionamentos, além de indiretamente mostrar ao educando a importância da pontuação.

Voltando-se para os aspectos fonéticos presentes na escrita, um dos usuários busca enfatizar a inflexão da voz, apropriando-se da repetição das vogais a fim de estender a sonoridade na escrita, destacando-a, como vemos nos seguintes trechos: “Maaas curto demaaais teclado”, “meeeu” e “Maaas eh muitoo legal cara”.

Quanto à representação da tonicidade, percebemos que no registro do aluno, em nenhum momento foram empregados sinais gráficos, mas no turno “Maaas eh muitoo legal cara..” essa representação foi registrado com o uso da letra h. Em “naoo muito”, a tonicidade já é representada pela repetição da semivogal o. Logo, percebemos que não há uma sistematização da ênfase da tonicidade, em cada momento é registrado de uma maneira.

Outra marca muito comum da oralidade presente no registro apresentado pode ser identificado no trecho “meeeu tu aprende ou faz aula o pesquisa na internet”. Aqui identificamos o apagamento da semivogal da conjunção ou, não

fazendo a construção gráfica, mas oral da conjunção. Novamente, percebemos que não há uma sistematização da escrita, uma vez que ora a conjunção foi registrada sem o apagamento ora foi com.

Sintaticamente, as sentenças estão organizadas, porém há problemas de concordância verbal no registro do aluno “tu aprende ou faz”, também típico da oralidade, demonstrando ser uma forma mais leve, descontraída e livre das regras impostas pela língua portuguesa.

É interessante a forma como o aluno trabalha a língua para se ter um texto mais coeso e coerente. Para responder à mensagem transmitida pelo professor “comprei um teclado Yamaha. Quero aprender a tocar”, o aluno registra “eu nao sei tocar isso”, empregando o pronome demonstrativo **isso** para se referir ao teclado e na sequência diz “eu sei tocar Violao” e “Maaas curto demaaais teclado”. Agora o aluno faz questão de deixar claro quais instrumentos sabe tocar - violão - e qual curte muito - teclado, evitando-se assim problemas de entendimento.

Percebemos, nessa interação, um equilíbrio entre os padrões típicos da internet e os padrões comuns de escrita numa comunicação, isso devido à relação existente entre eles. Apresenta uma linguagem fonética, não com abreviações ou reduções, mas com repetição de letras. Há uma sequenciação lógica na conversa, havendo, pois, coesão e coerência no registro apresentado.

Seguindo o processo de análise dos registros de bate-papo, apresentamos a conversa 2, estabelecida entre dois alunos da 1ª série do Ensino Médio.

Conversa 2:

R: IAEE FERAH FMZ!!

M: eae braço

R: TUDOO BEN BROTHER?

M: td sim e vc mano ?

R: TOO LEGAL BROTHER SLIGA VOO VEE SE EU ARRUMO UM CONTRA PRA
GT VIUU

M: fexo mano

R: NO DOMINGO A TARDE

R: (Y)

Observando esse registro, identificamos nele uma linguagem bem mais típica das conversas de gêneros de bate-papo com influência total do internetês, que assim podem ser identificadas as seguintes características:

- escrita muito mais fonética: *fexo, TOO, IAEE, FERAH, VEE, VIUU*;
- abreviações: *FMZ, td, vc, SLIGA, GT*;
- ausência de pontuação e acentuação;
- emprego de letras maiúsculas;
- emprego de gírias;
- emprego específico de códigos utilizados na *Internet*: (Y) - refere-se ao sinal de positivo, feito por uma mão, é um típico *emoticons*;
- turnos curtos e rápidos;
- informalidade na interação.

Quanto aos aspectos fonéticos-fonológicos, na conversa 2, percebemos que a inflexão da voz ocorre de duas maneiras, ora pela repetição das vogais (IAEE, VEE, VIUU), ora pelo emprego do h ao final da palavra (FERAH).

Quanto à formalidade, podemos descaracterizá-la, visto não apresentar

nenhuma, uma vez que há o uso de formas abreviadas, abreviações padronizadas, ortografia simplificada, construções simples e sentenças fragmentas. É uma linguagem mais coloquial e casual, porque há registros de frases curtas, léxico constituído de palavras de uso cotidiano e emprego de gírias. Todas essas são características de uma modalidade oral.

Quanto às abreviações, elas são formadas apenas com consoantes, produzindo significado completo, uma vez que a fonética permite compreender a palavra por inteiro, mesmo havendo ausência de vogais.

Sobre o emprego da pontuação, verificamos que é irregular, praticamente ausente, embora exista em alguns turnos.

Além dessas observações, acrescentamos que, embora os registros das conversas de bate-papo sejam vistos como uma produção textual que não segue uma padronização, existem regras que devem ser seguidas, as quais são chamadas de etiquetas da *Internet* e uma delas é a utilização do emprego de letras maiúsculas. Seu uso pode indicar que um dos usuários esteja gritando ou discutindo na interação.

Porém, analisando a conversa 2, verificamos, pelo contexto situacional, que isso não ocorre. Foi apenas uma falta de atenção de um dos interlocutores em deixar a tecla CAPS LOCK (maiúscula fixa) acionada, uma vez ocorre em todos os turnos da conversa.

Dessa forma, se o emprego de letras maiúsculas é visto como grito, alerta, isso nos mostra que também não sistematização para isso.

Após as observações das características da escrita virtual, identificamos, nessa conversa, que a única mensagem a ser transmitida é que um dos usuários tentará marcar uma partida de futebol para eles jogarem num domingo, e os turnos nada mais são do que formas para se testar o canal, como uma função fática.

Na sequência, apresentamos a Conversa 3, produto da interação virtual de alunos do Ensino Médio da rede pública e que também cursam o Ensino Técnico. São três registros, produzidos em dias diferentes e definidos como A, B e C.

Conversa 3:

A

LE: e ai mano de boa ?

LA: E aí!

Suave e tu ?

LE: suave po

caralho cara mó feliz vou fazer teste no santos

LA: Aí sim hein

LE: po cara agora é so treinar forte

até o dia se condicionar bem

LA: isso aí

LE: ae falou vou correr

LA: kk

Falou

B

LE: Aê imprimir um bgl pra mim?

LA: manda ai

LE: Po se liga põe no google reflexologia e pega uma imagem legal la por que to pelo cel

LA: só isso

tem várias fotos não sei qual tu quer

LE: *Pó todas são de pé ne?*

LA: *é uma pá de bgl explicanso*

Explicando

LE: *E isso mesmo um pe com vários bgl*

LA: *qual parte tem haver com o qual órgão*

pra que porra é isso?

LE: *Pra escola*

Imprimi aí um pé e já era

LA: *firmeza*

C

LA: *e aí*

cade a fita desse aplicativo

LE: *Procura ai zello*

LA: *já baixei po*

já instalei e tudo

LE: *Me add aí, sabe?*

Em relação à conversa 3 (A, B e C), podemos identificar as seguintes características típicas de uma produção textual no ambiente virtual *chat*:

- os turnos são constituídos de mensagens curtas;
- escrita fonética: “bgl”, que quer dizer bagulho;
- abreviações/reduções: “mó”, “bgl”, “add”, “to” e “cel”.
- marcas da oralidade: “E aí”, “Ai sim hein”, “isso aí”, “po”, “ne”;
- emprego de gírias e palavras que perderam o sentido de palavrão;
- registro de informalidade;

- não sistematização da pontuação e acentuação, que ora é empregada, ora não.

Nesse último registro de bate-papo (Conversa 3: A, B e C), observamos que há baixo emprego de abreviações ou escrita fonética e forte ausência de pontuação, além da presença de marcas interacionais típicas da oralidade e emprego de gírias e palavras que, embora sejam vistas como palavrões, perderam esse sentido devido ao seu emprego no diálogo.

Ainda sobre o registro da Conversa 3-C, é interessante notar que um dos usuários não utiliza a palavra *download* e sim “baixei” para o descarregamento do programa em seu aparelho de celular. Isso mostra um maior cuidado do usuário em relação à língua empregada por ele, mesmo que inconscientemente.

Após as observações pertinentes a cada conversa (1, 2 e 3), verificou-se que a linguagem utilizada nos registros das interações mediadas por computador, propriamente os bate-papos, é totalmente descontraída, informal e coloquial, com emprego de um vocabulário mais próximo da linguagem de adolescentes, não existindo formalidade alguma entre os usuários, que pode ser observada com elementos lexicalizados ou não-lexicalizados e tipicamente produzidos na fala, como os marcadores conversacionais (oralidade), já mencionadas anteriormente ou as formas de tratamento dispensadas aos usuários. Acrescentamos ainda que é uma linguagem multiforme, porque associa à escrita outros recursos, como o *emoticon* (y).

Também podemos apontar que os usuários têm domínio da língua, sabem utilizá-la para o intento de suas comunicações, ou seja, está adequada à situação comunicativa, apesar de apresentarem erros de grafia de palavras.

Outra observação a ser feita é sobre as reduções: morfologicamente, as palavras são formadas empregando apenas consoantes e ausentes de vogais. Sabemos que uma sílaba gira em torno de uma vogal, mas quando nos deparamos com o internetês, descobrimos que essa regra não se aplica, uma vez que trabalha uma escrita mais fonética. E essas combinações de consoantes podem resultar inúmeras palavras e significações.

Além dessas observações, verificamos que não há uma sistematização da escrita nas conversas de bate-papo, ou seja, não existe uma regra fixa que determina como deve ser esse registro do internetês, principalmente nos *chats*. Essa não sistematização é facilmente identificável nas três conversas. Por exemplo, quanto à tonicidade das palavras que ora é feita com o uso da letra H na conversa 1 “Maaas eh muito legal cara...”, ora é feita com o acento gráfico, como na conversa 3 A “po cara agora é so treinar forte”; quanto ao registro dos risos que ora se apresenta como “hahaha” (conversa 1), ora como “kk” (conversa 3); quanto ao fato de enfatizar a inflexão de voz, por exemplo na conversa 1, o usuário utilizou-se da repetição “Maaas curto demais teclado” e na conversa 2, houve o emprego do H ao final da palavra, “IAEE FERAH FMZ!!”.

Enfim, “todas as variedades são igualmente eficazes em termos comunicacionais nas situações em que são de uso esperado e apropriado” (TRAVAGLIA, 2006:63).

5.2 PROCEDIMENTOS DE RETEXTUALIZAÇÃO

Muito se tem falado das consequências negativas causadas pelo uso da *Internet*, que sua influência tem resultado em uma catástrofe na escrita das pessoas, principalmente, a dos jovens. Mas escrever corretamente não exige apenas

construções com sentenças corretas, mas a capacidade de se apropriar da linguagem para comunicar algo que seja compreensível pelo outro que está a receber a mensagem. Isso nos mostra que não existe uma única forma de se comunicar algo, nem uma única forma correta de fazê-la.

A comunicação precisará de uma linguagem que a efetive realmente, não importando os mecanismos utilizados, mas desde que seja eficaz. O importante é saber adequar a linguagem a cada situação.

A respeito da importância da escrita, ela faz parte da nossa vida, porque somos convidados a sempre produzir textos diversos em nosso cotidiano, ou seja, a escrita é uma prática social. E a linguagem utilizada nesses textos varia conforme o gênero produzido, conforme a relação existente entre quem envia e recebe a mensagem. Então condenar a escrita de jovens por conta da *Internet*, dizendo que está errada, é negar a capacidade comunicativa deles, porque o produtor do texto está adequando a linguagem ao ambiente digital trabalhado, baseando-se no gênero produzido e no seu interlocutor.

Koch & Elias (2011:31) afirmam que “a atividade escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural)”.

Focando em nosso trabalho sobre a influência da *Internet* na escrita dos jovens, gostaríamos de direcionar mais para o processo de ensino-aprendizagem da escrita, aproveitando os suportes digitais de bate-papo.

Com isso, pretendemos exemplificar com procedimentos que podem ser tomados para auxiliar os alunos a adequarem a linguagem, a fim de atender aos propósitos dos textos que devem ser produzidos em cada situação de comunicação, melhorando a escrita, mediando esse processo.

Se pensarmos, principalmente no contexto escolar, o que vem a ser escrever bem, com certeza, saberemos que a resposta será aquela que manda seguir as

regras gramaticais da língua e ter um bom vocabulário (KOCH & ELIAS, 2011).

Sabemos que escrever bem não se resume apenas a isso, mas saber empregar a linguagem de maneira eficiente e que produza sentido ao destinatário que receberá a mensagem.

Relembramos que quem utiliza a *Internet* para se comunicar, lê e escreve muito mais, pelo simples fato de a comunicação ser rápida e exigir de seus usuários maior atenção, rapidez e raciocínio rápido para ler, entender e responder às mensagens recebidas.

Outro ponto importante que vale a pena ser mencionado é o fato de que a escrita curta é devida à necessidade de se comunicar com rapidez, fazendo com que o produtor do texto desenvolva sua capacidade de produzir frases curtas, ou seja, desenvolve a capacidade de ser conciso em suas mensagens. Shepherd & Saliés (2013) identificam que o mito de adolescentes não lerem muito não é verdadeiro, porque eles leem o tempo todo, seja no *Facebook*, no telefone celular, no *Twitter* e interagem com precisão, logo, escrevem muito mais.

Cintra (2011) afirma que a mediação é o mesmo que interceder, de alguma maneira, numa determinada situação, entre pessoas ou grupos. Ou seja, a mediação é um processo em que o mediador auxilia o mediado em seu desenvolvimento (GERALDI, 2010).

Petit (2010) menciona que uma boa mediação é focada no mediado e não na coisa mediada, porque assim poderá atender às necessidades peculiares a cada indivíduo.

Essas observações nos levam a entender que, para solicitar uma retextualização adequando a linguagem utilizada na *Internet* ao mais próximo dos padrões da norma culta, o professor deve estabelecer critérios para essa retextualização, deixando claro o que pretende trabalhar.

Para auxiliar o educando na adequação da linguagem a uma modalidade mais formal, dentro dos padrões da norma culta, podem ser trabalhados:

- questões gramaticais e linguísticas;
- seleção lexical;
- eliminação de marcas interacionais;
- eliminação de repetições;
- paragrafação;
- reconstrução de estruturas truncadas;
- condensação de ideias e argumentos.

Magnabosco (2009:56) afirma que, no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa, a *Internet* pode ser:

uma grande aliada para resgatar nos alunos motivações e estímulos perdidos, pois, além de oferecer muitas possibilidades para um enriquecimento informacional, possibilita o resgate de um destinatário real para as produções escolares.

Da forma como Magnabosco nos apresenta sua ideia a respeito da importância do uso da *Internet* no processo de ensino-aprendizagem, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa, faz-nos ver possibilidades para encarar a *Internet* de forma positiva, bastando para isso criatividade por parte do professor. Ainda nos faz lembrar que o espaço não se restringe apenas ao ambiente escolar, mas vai além desse espaço físico, vai ao encontro do mundo, um mundo real onde existem pessoas reais e não aquelas fictícias criadas pelo professor na escola, permite que haja realmente pessoas com quem os alunos possam interagir de fato, e assim colocando em prática a linguagem. O diferencial é apresentar possibilidades

aos alunos, mas possibilidades concretas.

O desafio pedagógico é encontrar maneiras de usar a tecnologia como auxílio ao ensino e aprendizagem da escrita. Por exemplo, ao invés de proibir o uso indevido de celulares em sala de aula, o professor pode preparar atividades direcionadas utilizando ferramentas de trocas de mensagens como os bate-papos para produzir poesias, pequenos romances, atividades de retextualização, forçando o aluno a escrever dentro de um limite de caracteres, etc. Enfim, existem infinitas atividades que podem ser propostas, mas vai depender da criatividade e uso consciente da tecnologia.

Para tentar exemplificar as possibilidades de mediação da escrita utilizando como pano de fundo a *Internet*, por meio de seus suportes digitais, principalmente as ferramentas de bate-papo, propomos, a partir dos registros de conversas apresentadas neste trabalho, atividades de retextualização a partir do modelo das operações textuais-discursivas proposto por Marcuschi.

Os processos de 5-9 são os que mais se adequam à retextualização propriamente dita, mas não nos limitaremos apenas a esses processos.

Como sugestão de atividade a ser trabalhada, o professor pode solicitar aos alunos que neutralizem por completo as falas e os turnos individuais dos participantes, conforme as operações especiais envolvidas no tratamento de turnos de fala nas atividades de retextualização, apresentadas por Marcuschi (2007).

Para aplicação do processo de retextualização, façamos, novamente, uma leitura da conversa 1.

Conversa 1 (original):

A: V, comprei um teclado Yamaha. Quero aprender a tocar.

V: *hahaha ...*

V: *eu nao sei tocar isso*

haha

eu sei tocar Violao

haha

Maaas curto demaais teclado

A: *Nunca toquei teclado, quero só ver o que vai dar.*

V: *haha*

meeeu tu aprende ou faz aula o pesquisa na internet

Maaas eh muito legal cara..

A: *Acha que será difícil?*

V: *naoo muito*

Sugestão de retextualização:

A: V, comprei um teclado Yamaha, porque quero aprender a tocar.

V: *Eu não sei tocar teclado, porém gosto demais. Eu sei tocar violão.*

A: *Nunca toquei teclado, quero ver o resultado disso.*

V: *Tu aprendes, ou fazes aula ou pesquisas na Internet. Mas é muito legal, professor.*

A: *Acha que será difícil?*

V: *Não muito.*

Com processo de retextualização aplicado acima, buscou-se manter os turnos de conversação, fazendo as adequações da linguagem para um padrão culto. Foram aplicadas as seguintes operações:

1ª operação - eliminação das marcas de oralidade: eliminou-se o “hahaha” que intercalava os turnos, além da marca “meeeu”.

2ª operação – reordenamento de turnos: houve agrupamento de turnos em um único, encadeados por meio de conectivos, em “Eu não sei tocar teclado, porém gosto demais. Eu sei tocar violão”.

3ª operação – introdução de pontuação: principalmente nos turnos do aluno, onde não havia a ocorrência de pontuação, introduziu-se a pontuação adequada, o que pode ser constatado no reordenamento de turnos e nos seguintes registros “Tu aprendes, ou fazes aula, ou pesquisas na *Internet*. Mas é muito legal, professor” e “Não muito.”.

4ª operação – tratamento estilístico com seleção de novas opções léxicas: aqui ocorreu a substituição da gíria “cara” por “professor”.

5ª operação – reconstrução da estrutura por meio de concordância: aplicação da concordância verbal correta da 2ª pessoa do singular em “*Tu aprendes, ou fazes aula ou pesquisas na Internet*”.

6ª operação – introdução de marcas metalinguísticas para referenciação: buscando-se um texto mais coeso, utilizou-se a marca “disso” para retomar a ideia de aprender a tocar teclado.

Observou-se que nesse processo houve uma redução no corpo da mensagem, porém não se trata de condensação informacional.

Na sequência, apresentamos a conversa 2 e sua respectiva retextualização.

Conversa 2 (original):

R: IAEE FERAH FMZ!!

M: eae braço

R: TUDOO BEN BROTHER?

M: td sim e vc mano ?

*R: TOO LEGAL BROTHER SLIGA VOO VEE SE EU ARRUMO UM CONTRA PRA
GT VIUU*

M: fexo mano

R: NO DOMINGO A TARDE

R: (Y)

Sugestão de retextualização:

R: Olá! Tudo bem?

M: Oi. Tudo bem sim e você?

*R: Estou bem. Vou verificar se consigo marcar uma partida de futebol para o
domingo à tarde.*

M: Combinado.

Essa retextualização, embora pareça simples, exigiu um cuidado maior em seu processo, para que não se perdesse o sentido do texto original.

Aplicaram-se as operações:

1ª operação – eliminação de marcas estritamente interacionais: foram suprimidas as funções fáticas repetitivas “IAEE FERAH FMZ!!!”, “eae braço”.

2ª operação – reordenamento de turnos: devido às supressões de turnos por conta das repetições e marcas estritamente interacionais, os turnos foram reordenados, agrupando em um único como se vê em “Estou bem. Vou verificar se consigo marcar uma partida de futebol para domingo à tarde”.

3ª operação – introdução de pontuação: em complemento as operações anteriores, foram introduzidas as pontuações necessárias onde não havia, buscando a normatização do registro.

4ª operação – tratamento estilístico com seleção de novas opções léxicas: aqui foi feita uma nova opção lexical, substituindo, por exemplo, a expressão “fexo mano” por “Combinado”.

5ª operação – reconstrução de estruturas com reordenação sintática: o trecho “Vou verificar se consigo marcar uma partida de futebol para domingo à tarde”, a estrutura foi reconstruída a fim de atender a normatização da escrita, eliminando-se partes desnecessárias e organizando as ideias de forma lógica.

A partir dessa retextualização, evidencia-se que a única mensagem a ser transmitida na interação entre os dois adolescentes nada mais é do que o agendamento de uma partida de futebol e que os demais turnos serviram de função fática.

Seguimos agora com a Conversa 3:

Conversa 3. A (original):

LE: e ai mano de boa ?

LA: E aí!

Suave e tu ?

LE: suave po

caralho cara mó feliz vou fazer teste no santos

LA: Aí sim hein

LE: po cara agora é so treinar forte

até o dia se condicionar bem

LA: isso aí

LE: ae falou vou correr

LA: kk

Falou

Sugestão de retextualização:

LE: Tudo bem?

LA: Sim e tu?

LE: Nossa! Estou muito feliz, porque farei um teste no Santos Futebol Clube. Agora preciso me preparar para o dia do teste.

LA: Parabéns!

LE: Obrigado. Preciso treinar agora. Até mais.

LA: Tchau.

Observando o processo de retextualização da conversa acima, verifica-se uma redução de materialidade linguística, porém sem perda informacional. Para esta retextualização, identificamos a aplicação das seguintes operações:

1ª operação – eliminação de marcas estritamente interacionais: no processo de retextualização, foram eliminadas expressões como “E aí”, “isso aí”, “caralho cara” e “mó”, bem como “po cara” e as risadas “kk”.

2ª operação – reordenamento de turnos: com a eliminação da operação anterior, certos turnos foram agrupados, tendo como resultado final o seguinte turno “*Bem. Estou muito feliz, porque farei um teste no Santos Futebol Clube. Agora preciso me preparar para o dia do teste.*”.

3ª operação – introdução de pontuação: buscando à normatização da escrita e melhor desenvolvimento das operações de retextualização, aplicou-se pontuação adequada.

4ª operação – reconstrução de estruturas com reordenação sintática: em complemento às operações 2 e 3, visando a maior normatização da escrita, foram agrupados os turnos, criando sentença menos fragmentada e mais lógica, sintetizando a ideia a um único turno.

5ª operação – tratamento estilístico com seleção de novas opções léxicas: em substituição às marcas da oralidade na escrita e eliminação de palavras desnecessárias, aqui foi feita uma nova opção lexical, por exemplo, a expressão “mó feliz” por “muito feliz”, “caralho mano” pela interjeição “Nossa!” e “Ai sim hein” por “Parabéns!”

Conversa 3. B (original)

LE: Aê imprimir um bgl pra mim?

LA: manda aí

LE: Pô se liga pôe no google reflexologia e pega uma imagem legal lá por que to pelo cel

LA: só isso

tem várias fotos não sei qual tu quer

LE: Pó todas são de pé ne?

LA: é uma pá de bgl explicanso

Explicando

LE: E isso mesmo um pé com vários bgl

LA: qual parte tem haver com o qual órgão

pra que porra é isso?

LE: Pra escola

Imprimir aí um pé e já era

LA: firmeza

Sugestão de retextualização:

LE: Oi. Como estou acessando à internet pelo celular, será que você poderia pesquisar reflexologia no google e imprimir uma imagem bonita para mim?

LA: Só isso? Há várias fotos, logo, não sei qual você vai querer.

LE: Todas são de pé, não?

LA: Sim, com várias informações explicando a correspondência entre os órgãos do corpo e pontos no pé.

LE: E isso mesmo!

LA: Essa pesquisa é para quê?

LE: Para escola. É só imprimir e está feito.

LA: Firmeza.

Percebemos que neste processo de retextualização houve uma considerável redução em seu volume.

Foram aplicadas as seguintes operações:

1ª operação – eliminação de marcas estritamente interacionais: eliminaram-se as marcas lexicalizadas como “Aê”, “né”.

2ª operação – reordenamento de turnos: buscou-se trabalhar com estruturas menos fragmentadas, fazendo a junção de alguns turnos. Essa operação, conseqüentemente, conduziu às próximas operações.

3ª operação – reconstrução de estruturas e reordenação sintática: nesta operação foram agrupados turnos utilizando uma sequenciação lógica por meio da introdução de conectivos, como se vê em “Como estou acessando à internet pelo celular, será que você poderia pesquisar reflexologia no google e imprimir uma imagem bonita para mim?”.

4ª operação – introdução de pontuação: aqui, buscando atender à reorganização das estruturas frasais, bem como promover um texto mais compreensível, foram aplicadas as pontuações necessárias, antes ausentes em partes do texto original.

5ª operação – tratamento estilístico com seleção de novas opções léxicas:

além das operações anteriores, vimos que aqui também houve uma necessidade de fazer uma substituição de determinadas palavras, visando a uma melhor escrita e com menos marcas interacionais e expressões idiomáticas e gírias, sendo assim, podemos apontar como substituições, por exemplo, “bgl” e “porra” por “pesquisa”, “imagem legal” por “imagem bonita”, “Imprimi aí um pé e já era”, por “É só imprimir e está feito”.

Conversa 3. C (original):

LA: e aí

cade a fita desse aplicativo

LE: Procura ai zello

LA: já baixei po

já instalei e tudo

LE: Me add aí, sabe?

Sugestão de retextualização:

LA: Como faço para localizar o aplicativo?

LE: Procura zello.

LA: Já baixei e instalei.

LE: Adiciona-me.

Nesta retextualização, optamos por trabalhar com poucas operações, mantendo os turnos e evitando grandes mudanças. As operações podem ser assim identificadas:

1ª operação – eliminação de marcas estritamente interacionais: “e aí”, “po” e “sabe”.

2ª operação – introdução de pontuação: visa à melhor compreensão da mensagem transmitida, bem como organização na sequenciação lógica do texto.

3ª operação – reconstrução de estruturas e reordenação sintática: “Como faço para localizar o aplicativo?” e “Já baixei e instalei”, buscando a melhor organização dos turnos.

4ª operação – tratamento estilístico com seleção de novas opções léxicas: substituição da expressão idiomática “Cade a fita desse aplicativo” por “Como faço para localizar o aplicativo?”

Após a realização de todas essas sugestões de retextualização, percebemos que para realizar as operações é preciso compreender, porém que uma não compreensão não impede a retextualização, porém pode levar a uma transformação problemática.

Vimos também que, na retextualização, há uma diminuição de texto, não por selecionar as informações mais importantes, mas por uma regularização linguística.

Aqui se optou em continuar trabalhando na retextualização o gênero bate-papo, mas pode ser exigido dos alunos que trabalhem outras técnicas, transformando os turnos em citação de fala, por meio do uso das aspas. Lembramos que nem sempre o uso das aspas indica que o autor da fala produziu exatamente daquela forma. Outra possibilidade é a transformação dos turnos em citação de conteúdo, em que se eliminam os turnos e introduz o discurso indireto, criando-se

assim um texto monologado.

Marcuschi (2007) diz que pode ser trabalhada apenas uma operação ou passar por várias, dependendo do objetivo que se espera da retextualização, porém há casos em que uma operação está amarrada a outra, logo, fica impossível sua separação.

5.3 CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

No contexto educacional atual, percebemos que os adolescentes estão desmotivados para aprender nas escolas, visto que elas apresentam um sistema de ensino tradicional que já é, de certa forma, atrasado para os dias de hoje, devido à grande influência que as novas tecnologias exercem sobre os jovens.

A relação deles com a tecnologia é bem mais ativa e a maneira como as informações chegam a eles é assimilada com mais facilidade, porque o computador provoca maior motivação nos adolescentes.

Mediante a esse quadro, o professor tem de encarar as novas tecnologias como auxiliadoras do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ele não é mais o detentor do conhecimento e seu aluno não é apenas aquele quem recebe passivamente as informações.

O educador precisa, portanto, aproveitar as oportunidades que as tecnologias oferecem para melhorar o aprendizado do aluno de todas as maneiras possíveis, tornando suas aulas mais atrativas.

Com este trabalho, acreditamos ser capazes de mostrar aos educadores uma maneira diferente de se encarar a *Internet* e as ferramentas de bate-papo nos ambientes escolares, rompendo com o preconceito de que essa tecnologia prejudica a escrita e a leitura dos adolescentes.

Essa visão negativa se justifica pelo fato de acreditarem que o constante uso da *Internet* desestimula o jovem a ler e a escrever corretamente. É fato o interesse dos jovens em estar conectado o tempo todo à *Internet*, conversando com seus amigos, lendo textos engraçados, assistindo a filmes, navegando nas redes sociais e trocando mensagens por meios de celulares ou outros aparelhos.

Em relação ao uso da língua, o professor tem de aproveitar esse interesse dos jovens pela tecnologia como ferramenta de estímulo para aprendizagem, dinamizando as aulas e desenvolvendo a capacidade cognitiva de seus alunos.

Se no ambiente virtual há liberdade linguística e os textos produzidos nos programas de bate-papo possuem características linguísticas comuns à linguagem oral e a linguagem escrita, deve-se aproveitar esse material para mostrar aos alunos que todas as variações são importantes, isto é, esclarecer aos jovens a importância do uso dessas linguagens, visando à conscientização deles sobre como devem se comunicar em situações diversas, uma vez que escrever bem não é só produzir frases consideradas corretas, mas frases que cumpram com eficiência o propósito da comunicação.

O educador não deve condenar essa variação linguística como errada, mas mostrar em que situações ela é permitida.

E com este trabalho, o modelo proposto de atividade de retextualização possibilitará dinamismo no processamento dos textos, estimulando a criatividade e o cognitivismo dos alunos, despertando neles a habilidade de se lidar com a língua e a sua aplicação dependendo do contexto de comunicação. Além disso, proporcionará o resgate de um destinatário real para as produções escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, observamos que a linguagem empregada nas conversas de bate-papo não apresenta uma sistematização, visto que os registros não são uniformes, isto é, cada usuário possui uma maneira de se expressar nos ambientes virtuais de interação.

E sobre a produção textual nessas ferramentas de comunicação que simulam uma conversa face a face, percebemos que os textos possuem características linguísticas comuns tanto à linguagem oral quanto à linguagem escrita. Isto é, embora os enunciados sejam escritos, apresentam características da oralidade, por causa da maneira como os usuários praticam as conversações, com a utilização de *emoticons*, como representação dos gestos, expressões faciais e prolongamento das falas (inflexão da voz) e uma escrita muito mais fonética com períodos curtos e simples, que agiliza o processo de comunicação, restringindo-se ao essencial, isto é, aquilo que realmente se deseja comunicar.

Embora os registros de bate-papo apresentem essas peculiaridades linguageiras, podemos afirmar que os usuários da *Internet* leem e escrevem muito mais, porque é exigido deles maior fluidez na comunicação, na interação com os outros, aumentando o volume de escrita e exigindo mais leitura dos textos apresentados, que é muito maior do que uma produção fora dessa ferramenta.

Quanto ao processo de ensino e aprendizagem, o proposto por este estudo vem ao encontro da necessidade de se aproveitar a influência da linguagem na *Internet* em sala de aula, por meio da retextualização dos registros de *chats*, que não se limita ao presente neste trabalho, mas aponta alguns caminhos para se trabalhar os registros em ambiente educacional e transpô-los para uma linguagem mais adequada aos gêneros exigidos em cada situação de comunicação, ou seja, o

modelo proposto pode ampliar o campo de atuação para outros tipos de retextualização além do apresentado aqui.

Outro ponto importante que é preciso mencionar é a questão de que os educadores precisam acompanhar a evolução da língua, aprimorando seus conhecimentos, porque as transformações que ocorrem na língua acarretam mudanças nas formas de ensino da língua.

E para concluir, gostaríamos de apontar que não é a questão de certo ou errado, mas o adequado ou não a um contexto de comunicação, porque nos pautamos no princípio de que são os usos que instauram uma língua e não o contrário, pois como nos diz o próprio Marcuschi (2007:9), “falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir o efeito de sentido pretendido numa dada situação”, logo, “é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. / Charles Bazerman; Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (organizadoras); tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel; revisão técnica Ana Regina Vieira... [et al.]. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELLI, Lílian Ghiuro. *Leitura e produção de textos*. São Paulo: Blucher, 2011.

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GUSDORF, Georges. *A palavra: função, comunicação, expressão*. Trad.: José Freire Colaço. Lisboa: Edições 70, 2010

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística textual*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MAGNABOSCO, G. G. Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever? *Conjectura*, vol. 14. n. 2, maio-ago. 2009, p. 49-63

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* - 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). *Hipertextos e gêneros*

digitais: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

ROJO, Roxane (org.). *Escol@conectada: os multiletramentos e as TICS*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tania G. (orgs.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática* - 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.